



INFORMAÇÃO E MEMÓRIA

Relatos de uma experiência corporal

Carlos Falci

(PPGArtes/UFMG)

Graziela Andrade

(Dança/UFMG)

Resumo

Rumo aos desafios dos sistemas complexos com os quais estamos imbricados, tem-se a emergência do paradigma *processo-informação* (Oliveira, 2003) que, diante das escalas macro e microscópicas alcançadas pelas tecnologias atuais, sugere a inexistência do simples, do pronto, de seres humanos cunhados feito moedas. Pretende-se tomar tal paradigma como referência a fim de investigar e analisar uma experiência realizada no *I Encontro Interdisciplinar Dança-Cognição-Tecnologia (EiDCT)*, sob o ponto de vista da informação e da memória. Na experiência em questão quatro performers, em distintos papéis, promoviam uma rede de relações, imagens e movimentos, entre corpos e dispositivos, trama sob a qual pretendemos aqui nos debruçar. A memória, no conjunto descrito, não se reduz ao registro isolado das experiências com cada suporte. Antes, é vista e compreendida como a trama, o relato que surge e, ao mesmo tempo, alimenta o *processo-informação* com o qual trabalhamos, e que se faz nas conexões que podem ser estabelecidas no processo. Nesse aspecto, usamos o conceito de memória conectiva (Hoskins, 2011), a partir do qual podemos pensar a aparição da memória relacionada a um momento “nodal”, uma situação de conectividade entre elementos humanos e não-humanos.

Palavras-chave

Processo-informação; corpo; memória; memória conectiva.

Abstract

The emergence of process-information paradigm (Oliveira, 2003) arises with the challenge posed by complex systems which we are imbricated with. Considering the micro and macro scales achieved by recent technologies, Oliveira suggests there are no full, completed and simple human beings, like coins. We take this paradigm as reference in order to investigate and analyse an experience carried out in the First Interdisciplinary Dance-Cognition-Technology Meeting, as well as concepts of information and memory. In such experience four performers assumed distinct roles and promoted relations between images, movements, bodies and apparatuses. Our goal is understand such interweaving. Memory, as we understand this concept here, is not reduced to the isolated records of experience through one specific device. Rather, we comprehend memory as the weave, the narrative that arises and feeds the process-information. As such, memory appears with the connections that could be established in this process. So, we use the connective memory concept (Hoskins, 2011) to discuss the arising of memory related to a nodal moment, to a connectivity moment between humans and non-humans elements.

Keywords

Process-information; body; memory; connective memory.

Sobre os autores

Carlos Falci é professor adjunto, na Escola de Belas Artes da UFMG, atuando na Pós-Graduação em Artes e no curso de Graduação em Cinema de Animação e Artes Digitais na Escola. Atualmente, pesquisa as poéticas e políticas da memória em ambientes programáveis com projetos financiados pelo CNPq e FAPEMIG. Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Graziela Andrade é artista da dança e professora adjunta do curso de Licenciatura em Dança da UFMG, Escola de Belas Artes. Doutora (2013) em co-tutela entre a UFMG, escola de Ciência da Informação e a Paris-Est, École de Science du Langage. Tem suas pesquisas acadêmicas voltadas, principalmente, para as questões que tangem ao corpo, às tecnologias e ao espaço, temas frequentemente analisados a partir de experiências no Campo da Dança.

About the authors

Carlos Henrique Falci is associate professor at School of Fine Arts at Federal University of Minas Gerais, Brazil. Currently, he develops a research about poetics and politics of memory in programmable environments, funding by CNPq and FAPEMIG. He has a doctorate in Literature by Federal University of Santa Catarina and a master degree in Information Science by UFMG.

Graziela Andrade is a dancer and professor at the Federal University of Minas Gerais (UFMG) in Belo Horizonte, Brazil. PhD (2013) in co-guardianship between UFMG, School of Information Science and Paris-Est, School of Language Science. Master's degree in Information Sciences (UFMG, 2008) and a specialization in Media, Languages and New Technologies (UNI-BH 2002). Has focused his academic research, especially on issues that concern the body, technologies and space matters often analyzed from experiences in the field of dance

INTRODUÇÃO

Hannah Arendt (2001) ao citar Santo Agostinho como o primeiro a levantar a questão antropológica na filosofia, mostra que ele estabeleceu uma diferença entre as perguntas “Quem sou?” e “O que sou?”, a primeira dirigir-se-ia ao homem e a segunda a Deus. Como afirma a autora: “Em resumo, a resposta à pergunta *Quem sou?* é simplesmente: *És um homem – seja isso o que for* e a resposta à pergunta “*O que sou?*” só pode ser dada por Deus que fez o homem” (ARENDR, 2001, p.19).

Parodiando tal afirmação e deixando de lado a crença em um ser supremo e criador, poderíamos responder às duas perguntas com única resposta, que em si carrega uma inestimável questão:

- *Quem sou? O que sou?*
- *És um corpo – seja isso o que for.*

O que quer que seja um corpo, ele não está ao nosso alcance, ao menos não em sua totalidade. Apreendemos alguns instantes, dimensões ou alguns aspectos de um corpo que está sempre *sendo*, no entanto, nunca é. E se, como afirmamos aqui, não há resposta para a inesgotável querela do corpo, o ato de debruçar-se sobre tal questão é ainda mais desafiante – e, dir-se-ia, também labiríntico –, na experiência contemporânea em que vivemos a *atopia* e a *acronia* (CHAUI, 2014), ou seja, a compressão do espaço e do tempo, diretamente promovidas pelo advento das tecnologias digitais.

Chauí (2014), em uma reflexão sobre o corpo que tem como ponto de partida a filosofia de Merleau-Ponty, lembra-nos que somos seres temporais, pois temos consciência do nascimento e da morte; memória do passado e esperança do futuro; além de produzirmos e sermos frutos da história. Lembra-nos ainda que somos seres espaciais, pois entendemos o mundo em uma composição de lugares, dimensões e qualidades. Neste contexto, e tomando-se o corpo como um modo sensível e fundamental de ser e estar no mundo, estamos enlaçados a uma experiência inédita, visto que, diante das tecnologias digitais e das redes sócio-técnicas foi desencadeado “um processo ilimitado de desincorporação dos seres humanos” (CHAUI, 2014, p. 221). Segundo a mesma autora, isso nos leva de volta ao clássico problema filosófico que interpela corpo e alma, matéria e espírito, mundo e pensamento, natureza e cultura.

Neste sentido, destaca-se uma construção da qual ainda tentamos escapar. Foi buscando o retorno ao espírito da Grécia antiga que, na idade moderna, Descartes (1596-1650) tratou de pensar a verdade humana através da razão, idealizando um conhecimento objetivo do mundo. Disso surgiu o arquétipo maquinal que aplicado aos animais, sugeria que esses fossem seres autômatos, mas desprovidos de sensibilidade. Foi reduzindo o animal a uma máquina que Descartes garantiu ao homem o privilégio metafísico que consiste no pensamento engajado à imortalidade da alma e foi assim que se deu a separação entre corpo

e alma. Esse cartesianismo-dualista, produzido e disseminado há mais de três séculos, tomou conta da razão científica e do senso comum, sendo até os dias de hoje, uma forma de pensamento, popularmente, predominante.

Já a tese do homem-máquina foi proferida por um médico e filósofo menos conhecido: *Julien Offroy de La Mettrie* ou em autodenominação *M. Machine*. Tendo vivido no início do século XVIII, La Mettrie foi uma figura bastante polêmica, que contrariou seus contemporâneos, entre os quais teólogos, religiosos e também filósofos, por sua redefinição material do homem. Tomando a medicina como modelo universal de conhecimento, sua tese negava a imortalidade da alma e apregoava a unidade material e sensível do ser humano. Sua teoria do homem máquina se referencia e, ao mesmo tempo, se contrapõe à teoria cartesiana dos animais máquinas. Entenda-se com isso que se Descartes filia o animal à máquina, La Mettrie se instrumentaliza a partir dessa hipótese para afirmar que também o homem é uma máquina. Com seu materialismo monista, La Mettrie, segundo Rouanet (2003), seria figura fundamental na origem de uma das linhagens espirituais do Iluminismo, aquela que apregoa o organismo como determinante essencial da vida do homem, e que entende que a felicidade deve ser buscada com o bom funcionamento do corpo. Algo que, como sabemos, é bastante atual.

De século em século, as discussões sobre as relações entre homens e máquinas foram altamente potencializadas, especialmente a partir do século XIX, em que passamos a lidar com a passagem do maquinismo ao automatismo. Nesse momento, as máquinas deixaram de nos imitar para nos substituir:

Como sabemos, durante a primeira e a segunda revoluções industriais, os objetos tecnológicos ampliaram a força do corpo humano e o estenderam no espaço (primeiro, com o telescópio, o microscópio e a máquina a vapor, depois, com as máquinas elétricas, o telégrafo, o telefone, o rádio, o cinema e a televisão). Agora, porém, os objetos tecnológicos ampliam as forças intelectuais humanas, pois são objetos que dependem de informações e operam com informações. Agora é nosso cérebro ou nosso sistema nervoso central que se expande sem limites, diminuindo distâncias espaciais e intervalos temporais até abolir o espaço e o tempo (CHAUI, 2014, p. 213)

Parece-nos então que há uma pista investigativa, para o recorte que aqui propomos, quer seja: a noção de informação¹ e o modo como ela se interliga ao corpo como construção. Iremos discorrer inicialmente sobre a informação, à luz de um novo paradigma do conhecimento científico, como aporte para uma breve análise de uma das experimentações realizadas no laboratório do *I EiDTC*.

O corpo sendo informação

A passagem da imagem mecânica para a complexa instaura, segundo o cosmólogo Luis Alberto Oliveira (2003), uma transformação de paradigmas, na qual deixamos de perceber o ser humano do ponto de vista do par *substância-indivíduo* em favor do par *processo-informação*. Isso implica dizer que não somos moedas cunhadas, ou seja, feitos de uma substância comum que ganha forma no mundo, que encontra contornos e é moldada entre dentro e fora. Ao contrário, o que as escalas macro e microscópica, alcançadas pelas tecnologias atuais, escancararam é a inexistência do simples, o que nos faz marchar rumo aos desafios dos sistemas complexos.

Experimentamos travessias infindáveis de um real profundo no qual as relações entre os indivíduos se dão por suas *potencialidades conectivas* (Oliveira, 2003), fundamento de nossas possibilidades infindáveis de combinações e produção de conexões:

Assim para descrever tal campo de potencialidades conectivas sugere-se a figura de que o real adquiriu profundidade. O que estamos acostumados a chamar “realidade” – o domínio dos indivíduos existentes – teria ganhado espessura de um real virtual, um substrato de potencialidades. O real “atual”, personificado pelos corpos substanciais “estáveis”, sucedendo-se instantaneamente ao longo de uma infindável linha cronológica e re-presentado por um espectador plenamente cognoscente, repousaria sobre esse outro real tectônico, esse oceano inferior que suportaria e daria as condições de possibilidade da própria existência: dito de outro modo, o existir se apoiaria sobre um preexistir. (OLIVEIRA, 2003, p.156)

É diante de uma densa exposição envolvendo distintas imagens da complexidade que Oliveira (2003) nos apresenta essa conclusão que destrona a noção de indivíduo-coisa. Entre tais imagens iremos destacar a metáfora do labirinto que o autor toma emprestado da literatura borgiana, citando especificamente “O jardim dos caminhos que se bifurcam”. No texto, a encruzilhada é apresentada por Borges como a unidade elementar do labirinto, aquela que exige do viajante escolhas cegas, pois que não se determina o que há após uma bifurcação. O que virá depois? Novas bifurcações, outras escolhas, caminhos traçados e futuros. Opera-se a chance e nada mais. “Cada vez que em uma encruzilhada um caminho é seguido, o dado do acaso rola sobre a mesa da necessidade (Oliveira, 153)”.

Assim, as chances são potências atualizadas a cada escolha feita, diante do labirinto. São emergências do mencionado real profundo, que vão fazendo da potência, fluxo. É nesse aspecto que podemos retomar as instâncias do paradigma ao qual estaríamos submetidos enquanto

seres contemporâneos - o par processo-informação -, para sugerirmos questões, tais como: O que se opera entre chances e escolhas e que ainda é capaz de gerar e apontar caminhos constantemente? Qual o agente comum a esses processos? O que lhes dá “corpo”?

Destaca-se então o papel da informação assumindo o lugar da *substância* da qual somos feitos. É com o trânsito informacional que estamos lidando ao analisar um fluxo de significação ininterrupto. Surge na atualidade uma nova espécie de materialismo, uma vez que são elas – as informações –, aquilo que preenche, move, potencializa e dá sentido aos fluxos. Oliveira (2003) concebe a noção de “átomos de informação, uma unidade elementar de diferença ou distinção que podemos denominar de bit” (p.164) e que prescinde a qualquer suporte particular. O *bit*, poderíamos concluir, é latente, é aquilo que habita a preexistência e que virá a ser informação em movimento, em processo de significação. A informação seria assim transcendente, pois se diferenciando de seu estado de latência tem a possibilidade de significar, de existir, de encarnar, incorporar, nos incorporar. Vamos sendo nesse fluxo, vamos sendo informação.

Aceitando-se esse paradigma, os registros sobre um corpo se tornam algo para além de uma simples constatação ou confirmação de algo pré-existente ao registro. Antes, é exatamente o assumir o corpo enquanto informação que nos dá a chance de trabalhar a ideia de memória como algo também instável, derivada de conexões, de encontros, e que se apresenta como um devir. Podemos então pensar esse corpo enquanto um devir memória?

Memória enquanto conexão

Dentre as várias abordagens possíveis para trabalhar com termo tão vasto como é a memória, optamos por tomá-la a partir da concepção de Andrew Hoskins (2011a), cuja análise se volta para os momentos de conexão como momentos de memória. O primeiro ponto importante é considerar a importância dos momentos nodais para a produção de memórias. Os momentos nodais, para Hoskins, acontecem quando um determinado evento se configura como muito importante para uma determinada comunidade, bem como se torna muito presente no conjunto de discursos midiáticos. Embora Hoskins trate mais explicitamente de acontecimentos com larga visibilidade na mídia tradicional e nas mídias digitais, é preciso não perder de vista que um momento nodal é algo produzido, e não uma situação que por si só demande visibilidade. O próprio autor indica que o momento nodal também é algo de suma relevância para uma dada comunidade, e essa relevância pode ser construída. Em tempos de mídias digitais, de trânsito intenso de informações, e de capacidade estendida de registro de acontecimentos, é possível pensarmos numa proliferação de momentos nodais. Compreendemos que momentos nodais podem ser produzidos

para que memórias ainda não imaginadas ou registradas sejam criadas, junto com os acontecimentos que provocam e dos quais são marca, rastro, traço. Essa seria uma das maneiras de pensar um devir memória. Mais que registrar um acontecimento, as formas de inscrição de eventos criam conectibilidades. E dessas conexões as memórias se fazem como construção incessante, se fazem como devir.

Um segundo aspecto relacionado às memórias conectivas diz respeito ao conceito de memórias mediadas. José van Dijck (2007) introduz a questão a partir da percepção de que alguns itens seriam capazes de realizar a mediação entre indivíduos e grupos de pessoas, itens esses que funcionariam não apenas como lembranças de coisas passadas. É importante ter em mente que esses elementos são produzidos pelas tecnologias de mídia, mas a mediação se dá também através de arquivos escritos, fotografias, registros históricos, narrativas pessoais etc. Em suma, estaríamos tratando aqui de informações, em suas variadas materialidades e maneiras de aparição. Quando mencionamos as formas de inscrição acima, e as tomamos enquanto instrumentos de mediação, queremos enfatizar o caráter de movimento, de fluxo que cada uma pode disparar. Queremos pensar tais objetos como dialógicos. Assim, os entendemos como móveis, como pontos que tensionam camadas temporais e espaciais invisíveis e não definidas como passado, presente ou futuro por si só. Essas mediações podem ser compreendidas como eventos que se cruzam e fazem aparecer uma parte dessas camadas. A memória seria, então, nesse sentido, um fenômeno que dura pouco tempo num só formato, porque ela é uma relação entre coisas. Ela é um acontecimento. Nesse sentido, tal memória encontra-se marcada pelos discursos e narrativas que produzem sua visibilidade, ressaltando-se o fato de que não se pode reduzir o acontecimento somente à sua aparição inicial.

O caminho empreendido por Hoskins (2011b) atravessa o que ele denomina virada conectiva, quando trata dos estudos sobre memória em tempos de tecnologias, dispositivos e mídias tecnológicas. Para Hoskins, a virada conectiva é uma consequência da quantidade cada vez mais massiva das formas de registro mencionadas acima, e da maneira como tais elementos modificam as nossas percepções espaço-temporais e a memória. Humanos e não-humanos, sujeitos ou vivendo em meio à virada conectiva, estariam perpetuamente em movimento, uma vez que o modo como aparecem e como se relacionam com o seu entorno está diretamente relacionado com as conexões em que são colocados a funcionar, ou com as conexões que ativam. Nesse sentido, aquilo que chamamos tradicionalmente de registros de memória, de arquivos não são considerados como estabilizadores de um evento, como a prova de que algo aconteceu. Antes, eles fazem parte da própria possibilidade de algo em acontecimento. Retomando a noção de informação com que trabalhamos, se ela é o que move, o que preenche, o que dá sentido aos fluxos, é ela também que torna possível um devir memória, uma vez que é responsável por propor conexões entre acontecimentos. Informação e memória se entrelaçam não como algo que carrega uma ação já passada, mas sim como a própria ação em movimento, em continuidade.

Performance #1

É na perspectiva apresentada que gostaríamos de dirigir nosso olhar e verificar a experiência realizada no *EiDCT* e que aqui será nomeada de performance #1. Ou seja, nosso foco será pensar o fluxo de informações entre corpos e suas capacidades de gerar significados e memórias. Quatro artistas experimentaram a performance #1, em distintos papéis, promovendo uma rede casual de relações e imagens. Casual, pois embora houvesse uma predeterminação de papéis, as relações entre os performers não eram esclarecidas de antemão, justamente para evitar intencionalidades.

O palco onde aconteceu o evento foi dividido horizontalmente por uma tela a partir da qual se localizavam dois focos de luz retangulares, um a sua frente, outro atrás, em quadrantes opostos que abrigavam os bailarinos. Na cena ainda havia outro espaço de luz no qual estavam outros dois artistas, um empunhando um microfone e outro de posse de uma câmera. Na imagem abaixo conseguimos visualizar melhor tal desenho:



Fig. 1: Performance #1, divisão do espaço.

A dinâmica da performance fazia-se a partir das propostas de relações para cada pessoa, relações essas que se configuravam como tarefas em relação aos dispositivos e não em acordo com os outros participantes, necessariamente. Assim, a pessoa que ocupava o primeiro quadrante de luz apresentava um celular acoplado no torso e se movimentava em função deste dispositivo, gerando imagens que foram projetadas ao vivo na tela que ficava logo atrás dela. Diante dessa pessoa, no foco de luz, estavam aquelas que operaram câmera e microfone. A câmera tinha a função própria do olhar, de fazer escolhas, recortes, enquadrar o corpo em movimento, a partir da decisão subjetiva de quem a manuseava. As imagens coletadas também eram projetadas na mesma tela, provocando, por vezes, sobreposições das imagens vistas² – editadas ao vivo por uma quinta pessoa, que cuidava do som e da imagem, mas que estava já anteriormente envolvido com todo o processo.

Havia ainda alguém com um microfone que tinha como tarefa narrar em primeira pessoa os movimentos que via à sua frente. Sua voz era escutada pelo bailarino no segundo quadrante, atrás da tela transparente, que devia então criar seus movimentos a partir dessa fala. Nessa trama, tem-se, portanto, uma sequência de ações mediadas por distintos dispositivos e que são correlacionadas entre elas. Poderíamos assim mapear: 1) Movimento do Corpo em relação ao celular, 2) Câmera em relação ao movimento do corpo, 3) Narrativa em relação ao movimento do corpo e 4) O Movimento do corpo em relação à escuta.

Conforma-se assim um fluxo de informações entre corpos e dispositivos em um processo contínuo de tradução e significação, no qual a informação emerge enquanto voz, imagem e movimento. Emerge então enquanto diferença ou, poderíamos dizer que diferenciando-se da massa latente comum, ela emerge enquanto signo em fluxo. Segue, dos *bits* da preexistência, ao corpo e aos dispositivos. A informação, como aqui destacamos, é então a substância comum, potente e transformadora que, atualizando-se, faz girar a roda dos sentidos, aponta e constrói os caminhos, no labirinto de nossas chances e escolhas.

Importante perceber, nesses movimentos e nas relações, como o registro foi parte ativa da construção dos próprios movimentos. Ousaríamos dizer que a criação de memórias fez o próprio acontecimento surgir. E tal memória estaria presente no registro das câmeras, mas também nas conexões estabelecidas entre os vários corpos em ação: os corpos das pessoas e seus movimentos em relação aos registros, as imagens gravadas e transmitidas para a tela, a narração de algo em execução. Os traços não apareciam aqui a posteriori, como algo que foi deixado para trás e seria capaz de confirmar o acontecimento passado. De maneira muito distinta a essa concepção, poderíamos dizer que os rastros surgiam pela conexão entre os elementos presentes em cena. Como num ciclo de retroalimentação, os corpos surgiram enquanto informações trocadas pelos vários dispositivos, fossem eles humanos ou não-humanos.

Relações entre corpo, informação e memória

Tomando a experiência descrita como nosso foco de análise, nossas percepções poderiam ser associadas a três momentos distintos do acontecimento. Esses, por sua vez, não tratam de uma cronologia da experiência, no sentido de um antes, um durante e um depois da mesma. Antes, seria melhor vê-los como momentos de conexão. Assim, há o momento em que se configuram quantos elementos estarão em cena, e o que serão as regras de atuação de cada um. Normalmente, poderíamos dizer que esse é o momento anterior à performance. No entanto, na cena em si as regras não estão incrustadas em todos os corpos, porque eles mesmos ainda não se fizeram enquanto um corpo coletivo daquela experiência. Falta, nesse momento, o colocar em ação tais conjuntos de informações.

Chegamos, então, ao segundo momento, que é o da ativação da experiência. Ela, entretanto, aparece como um jogo entre as pessoas, os objetos de registro e as maneiras de manipulá-los. Esse é um momento em que, marcadamente, aquilo que é memória se sobrepõe ao que acontece, borrando o tempo exclusivo de cada informação e, portanto, a de cada corpo enquanto informação. A mistura produzida conduz o olhar para perceber os corpos ali presentes como experiências de presença num espaço, que se tornava visível na circulação entre movimentos, registros transmitidos no mesmo momento da ação, deslocamentos entre as informações distintas. Cabe perceber que, numa visada tradicional, em que a informação se encontra separada do corpo responsável por produzi-la (nesse caso, um corpo humano), poderíamos dizer que todo o conjunto de informações derivaria dos corpos em cena. Propomos aqui outra análise: os corpos todos se tornaram perceptíveis enquanto informações conectando-se mutuamente. Isso nos livraria de separar a fonte das informações dos corpos, e nos levaria na direção do corpo-informação, informação como processo, corpo como processo.

Por fim, teríamos o terceiro momento, em conjunto com os demais, que trata dos relatos registrados e transmitidos. E que não nos enganemos: todos os corpos em cena produziram relatos, tantos os humanos quanto os não-humanos. Os relatos, ou narrativas da experiência, se fizeram enquanto corpos em performance, enquanto ação que alimentava a gravação e recebia de volta essa alimentação. Dessa maneira, os relatos apareceram como aquilo que são em verdade, como testemunhos: movimentos que mostravam escolhas momentâneas; imagens propondo caminhos para cada corpo; falas gravadas que diziam o que ainda poderia vir a ser na performance. A instabilidade do testemunho se fez potência na criação dos corpos-informação que se materializavam momentaneamente junto com os aparatos de registro de um devir memória.

Notas

- 1 Para detalhamento sobre a noção de informação ver Andrade (2013).
- 2 As imagens coletadas, tanto pela câmera do celular como pela câmera tradicional, eram editadas ao vivo e, em determinado momento da performance, ainda acrescentava-se imagens externas a essas geradas. Havia uma pessoa da equipe do I EIDTC responsável por essa edição e também pelo som, entretanto, não é nosso objetivo analisar também esse material, visto que nosso foco fazer analista na relação proposta aos artistas convidados.

Referências

- ANDRADE, Graziela. "Corpografias em Dança: da experiência do corpo sensível entre a informação e a gestualidade". Tese (doutorado) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.
- ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2001.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. "Cibercultura e mundo virtual." In: *A ideologia da competência*. Coleção: Escritos de Marilena Chauí, vol. 3. Org. André Rocha. Belo Horizonte: Autêntica editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.
- HOSKINS, Andrew. "7/7 and connective memory: interactional trajectories of remembering in post-scarcity culture." In: *Memory Studies*, 4(3), 269-280, 2011a.
- HOSKINS, Andrew. "Media, memory, metaphor: remembering and the connective turn." In: *Parallax*, 17(4), 19-31, 2011b.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o Invisível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- OLIVEIRA, Luis Alberto. "Biondes, Bióides e Ciborgues." In: *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. NOVAES, Adauto (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ROUANET, Sérgio Paulo. "O homem-máquina hoje." In: *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. NOVAES, Adauto (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VAN DIJCK, José. *Mediated memories in the digital age*. Stanford: Stanford University Press, 2007.